

A BATALHA CONTRA SÍSERÁ

Uma Análise Cronológica e Histórico-Contextual de Juízes 4 e 5

*Tiago Abdalla T. Neto**

1. INTRODUÇÃO

A crítica quanto à confiabilidade das Escrituras e dos seus relatos, impera no cenário teológico dos últimos tempos. Certo autor afirmou que o editor do livro de Juízes “impôs sobre as histórias individuais uma orientação, a qual, de fato, elas não tiveram ... ele impôs uma falsa seqüência de eventos sobre o período”.¹ Tal afirmação requer avaliação objetiva e resposta apropriada de uma perspectiva comprometida com a veracidade e inerrância do texto bíblico.

Além disso, nenhuma parte das Escrituras Sagradas pode ser compreendida sem o entendimento da relação entre a narrativa bíblica com sua época e o mundo ao redor, percebendo as influências culturais em tal período, para uma interpretação precisa e coerente.²

Diante deste desafio, o presente trabalho lidará com a questão cronológica que cercou o livro de Juízes e a Batalha contra Sísera. Consequentemente, dados arqueológicos e bíblicos serão tratados conjuntamente e uma cronologia será proposta.

Esta monografia abordará, também, o contexto religioso cananeu diretamente ligado à apostasia da nação israelita no período dos juízes, a qual resultou na disciplina divina mediante a opressão de Jabim II. Ainda, o destaque feminino na prosa e poesia de Juízes 4 e 5 receberá atenção dentro do contexto social e religioso da época e do propósito do autor do livro.

Por fim, os aspectos políticos, militares e geográficos que envolvem a história da Batalha contra Sísera serão observados e analisados, a fim de proporcionar numa compreensão melhor do *Sitz in Leben* dela.

¹ WARNER, Sean M. “The dating of the period of the judges”. *In: VETUS TESTAMENTUM*, v. XXVIII, no. 4, 1978, p. 456.

² ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 75.

2. A CRONOLOGIA DO PERÍODO DOS JUÍZES E DA BATALHA CONTRA SÍSERA

A busca da compreensão histórica do período dos juízes encontra-se intimamente ligada com a datação do êxodo israelita do Egito e sua conquista de Canaã. Se o estudioso do AT (Antigo Testamento) confere datas recuadas a estes dois eventos, isso, conseqüentemente, trará resultados distintos na datação da era dos juízes em relação aos que supõem uma data mais recente para os eventos mencionados.³

Portanto, este capítulo analisará a proposta bíblica de cronologia juntamente com as evidências externas e oferecerá conclusões sobre as prováveis datas de início e fim do período dos juízes. Após datar tal período, então, situar-se-á o acontecimento da batalha contra Sísera, foco principal deste trabalho, dentro do contexto maior da era dos juízes.

2.1. A datação do êxodo

Com a ausência de outra literatura do Antigo Oriente relatando o evento do êxodo hebreu,⁴ o AT se torna o documento principal para a sua datação e é reforçado por evidências externas, tanto arqueológicas quanto literárias da época. Um texto central do AT para a descoberta da data do êxodo se encontra em 1 Reis 6.1. Ali, o leitor é informado que o rei Salomão iniciou a construção do templo no quarto ano de seu reinado, período reconhecido, majoritariamente, pelos estudiosos bíblicos como sendo próximo de 967-966 a.C.⁵ Seguindo a informação do autor bíblico, de que a construção do templo iniciara 480 anos depois da libertação definitiva dos hebreus da escravidão, o êxodo deve situar-se por volta de 1446 a.C., durante o reinado do Faraó Amenotepe II⁶ (aprox.1450-1421 a.C.).⁷

Outra indicação que favorece esta data antiga é a menção feita pelo juiz Jefté, em Juízes 11.26, perante os invasores amonitas, de que Israel já habitava na Transjordânia há

³ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 59-60.

⁴ BRIGHT, John. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 155-159.

⁵ Ver MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 60; ARCHER, Gleason L., Jr. *Merece Confiança o Antigo Testamento?*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 139; PETROVICH, Douglas. "Amenhotep II and the historicity of the Exodus-Pharaoh". *In: THEOLOGICAL MASTER'S SEMINARY JOURNAL*, v. 17, no. 1, p. 81-110, Spring, 2006. p. 83; KITCHEN, K.A. *Ancient Orient and Old Testament*. London: Inter-Varsity. 1966. p. 72.

⁶ Também denominado em outras obras como Amenófis II. Ver BRIGHT, John. *Op cit.* p. 156; PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2005. (Material não publicado – Apostila do curso de Mestrado em Teologia). p. 21-22.

⁷ ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 139; SCHULTZ, Samuel J. *Habla el Antigo Testamento: um examen completo de La historia y literatura del Antigo Testamento*. Disponível em www.graciasoberana.com. Acessado no 1º. Semestre de 2006. p. 36, 38-39; MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 60-62; PETROVICH, Douglas. *Op cit.* p. 83-84, 87.

trezentos anos. A vitória de Israel sobre Amom, debaixo da liderança de Jefté, ocorreu próximo a 1100 a.C., uma data amplamente aceita,⁸ anterior ao rei Saul que começou a reinar cerca de 1.050 a.C.⁹ Então, a conquista necessita ser datada perto do ano 1400 a.C., correspondendo a um êxodo de quarenta anos antes, próximo a 1440 a.C.

A referência de Jefté é por demais pertinente ao debate sobre a datação da saída israelita, porque o número de 1 Reis 6.1, 480 anos, tem sido visto como representativo de gerações ideais, cada uma representada por 40 anos, indicando 12 gerações. Todavia, como cada geração inicia cerca de 25 anos depois da anterior, então, as 12 gerações de 1 Reis 6.1 deveriam ser igualadas a 300 anos, sugerindo a data de 1266 a.C. para o êxodo.¹⁰ Porém, pelo fato de que os 300 anos citados pelo juiz Jefté não podem ser divididos por 40 anos, simbolizando gerações ideais, logo, a teoria aplicada ao relato da construção do templo não condiz com Juízes 11.26, requerendo, portanto, uma compreensão literal de ambas as narrativas feitas pelos historiadores bíblicos.¹¹ Petrovich acrescenta que a referência cronológica do texto de 1 Reis se dá mediante numeral ordinal, “quadricentésimo octogésimo ano”, dificultando ainda mais o uso figurado dele.¹²

Alguns fatos da história egípcia contribuem para uma data remota da libertação hebréia. O relato bíblico de Atos informa que Moisés tinha cerca de 40 anos quando matou o egípcio e fugiu para Midiã (At 7.23-29). Passados outros 40 anos, ele se encontra com Deus que o comissiona para libertar seu povo do jugo opressor (At 7.30-36). Isso se sintoniza com Êxodo 7.7 que afirma ter Moisés 80 anos quando se apresentou perante Faraó, reivindicando a libertação de Israel. O Faraó que buscou matá-lo (Êx 2.15), já não é mais o mesmo quando Moisés retorna (Êx 2.23; 4.19). Pois, o Faraó anterior morrera pouco antes do retorno do hebreu ao Egito (Êx 4.19), e depois de muito tempo do assassinato cometido por ele (Êx 2.23). Apenas um rei egípcio que reinasse muito tempo, cerca de 40 anos, poderia preceder o Faraó do êxodo. Dois Faraós surgem como candidatos entre os séculos XV e XIII, Tutmose III e Ramsés II.¹³

⁸ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 61.

⁹ ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 140.

¹⁰ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 158.

¹¹ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 61. Kitchen, apesar de propor que Jefté possa ter agregado o número de períodos simultâneos de Juízes, reconhece que “não temos nenhuma indicação sobre a qual construir”. Ver KITCHEN, K.A. *Op cit.* p. 74.

¹² PETROVICH, Douglas. *Op cit.* p. 85.

¹³ ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 145; MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 55.

Há dificuldade na datação do êxodo após a época de Ramsés II (ca. 1301-1234 a.C.)¹⁴, pois o relato bíblico afirma ter Israel andado durante 40 anos pelo deserto, até a sua chegada na Terra Prometida (Êx 16.35; Dt 2.7; 8.2). Conforme o texto da “Estela de Israel”, no quinto ano do reinado de Merneptá (1229 a.C.), o Faraó seguinte a Ramsés II, houve uma campanha militar realizada por ele na Palestina, na qual combateu e venceu Israel.¹⁵ É completamente impossível encaixar os 40 anos de peregrinação hebréia dentro dos cinco primeiros anos de Merneptá.

Por outro lado, não existe nada contrário à possibilidade de que Tutmose III (ca. 1506-1552 a.C.)¹⁶ tenha sido o rei egípcio, durante o reinado no qual Moisés fugiu e viveu no exílio por quarenta anos. A preocupação pessoal do Faraó em matar Moisés (Êxodo 2.15) sugere esta probabilidade, desde que o hebreu poderia muito bem ter sido adotado por Hatshepsute, madrastra e tia de Tutmose III, que reinou juntamente com ele por 20 anos.¹⁷ Ela era a única filha de Tutmose I que teria coragem de enfrentar uma proibição expressa do pai, ao adotar Moisés (Êx 1.15-22),¹⁸ e apenas ela se encaixa no relato de Êxodo 2.5-10, já que sua irmã falecera ainda na infância.¹⁹ O medo de qualquer ameaça que Moisés pudesse representar à sua posição como soberano sobre o Egito, levaria, provavelmente, Tutmose III a um interesse especial em eliminá-lo.²⁰

Outro paralelo entre o texto bíblico e a história egípcia, que indica Amenotepe II como o Faraó do êxodo, foi o ocorrido na décima praga. Deus havia prometido tirar a vida do primogênito do Faraó (Êx 4.22-23; 11.15) e assim o fez (Êx 12.29). Textos egípcios indicam fortemente que Tutmose IV, o herdeiro do trono de Amenotepe, não foi seu filho mais velho.²¹ A famosa “Estela do Sonho” encontrada junto às patas da Grande Esfinge retrata o deus Harmaquis prometendo o trono ao jovem Tutmose, caso ele removesse a areia que ameaçava à esfinge: “Vê-me, olha para mim, meu filho Tutmoses! Eu sou teu pai, Harmaquis ... eu te darei o trono de Geb, príncipe real [dos deuses] ... as areias do deserto se amontoavam sobre mim, mas esperei para te permitir fazeres o que está em meu coração, pois sabias que és

¹⁴ PINTO, Carlos Osvaldo. *Op cit.* p. 24; ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 143-44.

¹⁵ ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 144-145.

¹⁶ PETROVICH, Douglas. *Op cit.* p. 87.

¹⁷ DEL PRADO. *O mundo egípcio: deuses, templos e Faraós.* Madrid: Del Prado, 1996. v. 1. p. 43.

¹⁸ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 52, 54.

¹⁹ PETROVICH, Douglas. *Op cit.* p. 106-107.

²⁰ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 54.

²¹ Ver as evidências em PETROVICH, Douglas. *Op cit.* p. 87-88.

meu filho e meu protetor”.²² Apenas se esta não fosse a expectativa normal de Tutmoses é que tal sonho teria explicação lógica.²³

Diante das observações dos dados da história bíblica e do Egito Antigo, a conclusão inevitável é a datação do Êxodo por volta de 1446 a.C.

2.2. A datação da conquista

Várias hipóteses para a conquista israelita têm sido propostas com diversos modelos de reconstrução.²⁴ Como desenvolvido acima, este trabalho compreende a datação do êxodo e da conquista dentro de uma cronologia alta, desde que ela é a que melhor condiz com os dados históricos bíblicos. Uma vez mais, fontes externas auxiliam na aproximação do quadro descrito na Bíblia, sem, de forma alguma, negá-lo.

As famosas correspondências de Amarna, na primeira metade do século XIV a.C.,²⁵ sugerem fortemente a conquista hebréia por volta de 1406 a.C. Elas foram escritas por reis palestinos vassalos do Egito aos Faraós Amenotepe III e Aquenatom.²⁶ Nestas cartas, um povo chamado *habiru* é retratado atacando diversas cidades na Palestina. O termo em si não é, necessariamente, uma referência aos israelitas, pois, aparece já no começo do segundo milênio, em textos babilônicos e hititas com os caracteres cuneiformes SA.GAZ, indicando grupos de guerreiros mercenários.²⁷ Em registros egípcios posteriores a Amarna, *habiru* aparece como um termo para tropas mercenárias e escravos estrangeiros.²⁸ Provavelmente, a etimologia da palavra signifique “quem atravessa” ou “quem passa (pela terra)” do verbo *’abhar* (“atravessar”) e se refira a estrangeiros migrantes, que não estavam vinculados à terra onde habitavam, diferente da população local estável.²⁹

Em Amarna, os *habiru* lutaram primeiramente contra as cidades que estavam fora da área da conquista, conforme descrito nas fontes bíblicas (Nm 20.21 – 22.1).³⁰ Os relatos de

²² PRITCHARD, J.B (ed.). *Ancient Near Eastern Texts*. Princeton: Princeton University, 1950. p. 449. (Tradução do trecho por Carlos Osvaldo Pinto).

²³ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 56; PINTO, Carlos Osvaldo. *Op cit.* p. 22.

²⁴ Ver os varios modelos em WALTKE, Bruce K. “The date of the conquest”. In: WESTMINSTER THEOLOGICAL JOURNAL, v. 52, no. 2, p. 181-200, 1990.

²⁵ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 99.

²⁶ PINTO, Carlos Osvaldo. *Op cit.* p. 22-23.

²⁷ ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 187-189.

²⁸ *Ibid.* p. 193.

²⁹ *Ibid.* p. 188.

³⁰ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 105.

Amarna dão a impressão de que os *habiri* entraram na terra em grande número, assim como ocorrera na conquista descrita em Josué. O rei de Jerusalém, Abdi-Heba, relata o seguinte: “Tão certamente como vive o rei, meu senhor, quando saem os comissários direi: ‘Perdidas são as terras do rei! Não estais me ouvindo? Todos os governadores estão perdidos; não sobra um único governador para o rei meu senhor!’ Que o rei preste atenção aos arqueiros, e que o rei, meu senhor, mande tropas de arqueiros, pois não sobram terras ao rei! Os habiri estão fazendo pilhagem em todas as terras do rei. Se chegarem arqueiros ainda este ano, as terras do rei, meu senhor, permanecerão intactas, mas se não há arqueiros, as terras do rei, meu senhor, serão perdidas”.³¹ Mais adiante, o mesmo rei implora: “Cuide o rei da sua terra. A terra do rei será perdida ... Quanto às terras de Sheeri (Seir) e até Ginti-Kirmal (Monte Carmelo) não há paz em todas as regiões ...”.³²

Apenas quatro das várias cidades que havia na região central montanhosa da Palestina são mencionadas nas cartas de Amarna, o que sugere uma dominação israelita em Canaã.³³ Além disso, os governantes que mantinham contato com o Egito foram precisamente os das cidades que os israelitas só conquistaram num período posterior a Josué, Megido (Jz 1.27), Asquelom (Js 13.3; Jz 1.18), Aco (Jz 1.31), Gezer (Js 16.10; Jz 1.29), e Jerusalém (Js 15.63; Jz 1.8, 21).³⁴ Ainda que haja dificuldade para relacionar os nomes próprios das cartas de Amarna com os nomes descritos no livro de Josué, isso, provavelmente, aponta para o fato de que as cartas foram escritas, em sua maioria, posteriormente à fase inicial da conquista com Josué, em 1405 a.C.³⁵

Há uma forte evidência arqueológica de grande destruição nas cidades cananitas no século XIII a.C., o que vem sendo apontado como evidência de uma conquista israelita mais recente que a data tradicionalmente proposta. Primeiramente, é preciso salientar que tais evidências não são claras se fora Israel quem atacou os cananitas, ou estes que atacaram Israel durante o período dos juízes.³⁶ A distinção entre fenômenos culturais israelitas e cananitas da época são difíceis de distinguir.³⁷ O próprio teólogo e historiador John Bright, que propõe uma reconstrução distinta daquela apresentada no livro de Josué, reconhece:

³¹ Extraído de ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 191.

³² Extraído de *Ibid.* p. 191-192.

³³ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 105.

³⁴ ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 192.

³⁵ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 105-106; ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 192-193.

³⁶ Relatos do livro de Juízes sugerem ataque violento e destruição em cidades palestinas (ver Jz 4.3; 9.45).

³⁷ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 65, 68.

Apesar de obviamente não termos evidências de que o destruidor destas cidades foi de fato Israel (a arqueologia raramente fornece este tipo de evidência), a suposição desse fato não é em si mesma forçada. Mas deve ser dito que há outra evidência que não se encaixa facilmente nesta opinião; porque outras cidades de maior destaque ou mais ou menos proeminentes na narração bíblica ou parecem não ter existido (ou ser de nenhuma importância), ou se existiram não sofreram destruição alguma no final da Idade do Bronze antiga. Além de Jericó e Ai, já citados, essas incluem Gabeon, que é descrita como sendo “uma grande cidade, como uma das cidades reais” (Js 10.2). Entretanto, parece mais ter sido um lugar insignificante no século treze; Hebron (Js 10.36ss) onde nenhum resquício da Idade do Bronze antiga até agora foi encontrado [...].³⁸

O problema da pressuposição de que a destruição maciça no século XIII a.C. fora causada pela ação das tribos israelitas é que em nenhuma parte do relato bíblico a invasão hebréia é retratada como destruição total das cidades, com exceção de Jericó (Js 6.24), Ai (Js 8.28) e Hazor (Js 11.13) que foram queimadas.³⁹ Bruce Waltke desmascara a falácia da datação recente com base na arqueologia, da seguinte forma:

Quanto às cidades ocupadas pelos israelitas sem incêndio, os defensores da teoria da data posterior do êxodo cometem dois erros fundamentais. Primeiro, eles colocam de lado a evidência textual de que estas cidades não foram queimadas antes dos israelitas a ocuparem, e em lugar disso, presumem que a captura israelita de uma cidade deve ser, provavelmente, marcada pela destruição. Mas a narrativa da história bíblica da conquista registrada em Josué nega completamente esta pressuposição. Ele relata: “Contudo, Israel não incendiou nenhuma das cidades construídas nas colinas, com exceção de Hazor, que Josué incendiou” (Js 11.13). Reconhecidamente, ele se refere nesta declaração às colinas do norte da Palestina, mas em seu relato da captura das colinas no sul da Palestina afirma apenas que Josué as tomou (*laqad*). Em contraste, no caso de Ai e Jericó ele afirmou que Josué as queimou (*saraḏ*). Ao tomar a maioria das cidades cananitas sem, antes, destruí-las, Josué cumpriria a promessa de Yahweh a Israel: “O SENHOR ... jurou ... dar a vocês, terra com grandes e boas cidades que vocês não construíram, com casas cheias de tudo o que há de melhor, de coisas que vocês não produziram”. Cidades

³⁸ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 167-168.

³⁹ Talvez, Hebron também sofrera uma destruição total (cf. Js 10.36ss). Merrill apresenta outra possibilidade para a leitura do texto em MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 115-116.

queimadas completamente não concederiam aos seus conquistadores casas cheias de tudo que há de melhor.⁴⁰

O final do livro de Josué ainda confirma tal fato quando Deus renova a aliança com Israel após a conquista: “Foi assim que lhes dei uma terra que vocês não cultivaram e cidades que vocês não construíram. Nelas vocês moram, e comem de vinhas e oliveiras que não plantaram” (Js 24.13).

Considerando a dificuldade em se datar a destruição das cidades de Jericó, Ai e Hazor,⁴¹ as cartas de Amarna oferecem uma explicação mais coerente com a conquista, em que estrangeiros como Israel invadem Canaã, conquistam uma parte dela, mantendo a maioria das cidades intactas, e ameaçam atacar outras localidades que clamam por ajuda a Faraó.⁴² O silêncio dos artefatos arqueológicos não oferece base suficiente para determinar uma data tardia da conquista.⁴³

2.3. A datação do período dos juízes

Apesar da dificuldade em situar a época dos juízes, este autor crê que não é impossível chegar a datas bem próximas para o começo e final do período. Tanto uma datação tardia quanto antiga para o êxodo e conquista enfrentará dificuldades a serem solucionadas, mas a posição defendida neste trabalho para a conquista, cerca de 1405 a.C., adequa-se melhor aos dados bíblicos sem ferir a historicidade da cronologia proposta pelo AT. O total aproximado de 410 anos para os dados contidos no livro de Juízes,⁴⁴ não se encaixaria dentro dos 389 anos entre o final da conquista, cerca de 1399 a.C., e o começo do reinado de Davi, por volta de 1010 a.C, se fosse entendido como um total de anos seqüenciais; sem contar o reinado de Saul (c.a. 40 anos) e o tempo dos anciãos que sobreviveram a Josué (Jz 2.7, 10).⁴⁵ É necessário, portanto, ver na narrativa do livro de juízes uma sobreposição de datas como era comum em narrativas antigas.

⁴⁰ WALTKE, Bruce K. “Palestinian artefactual evidence supporting the early date of the Exodus”. In: BIBLIOTHECA SACRA, v. 129, no. 513, January, 1972. p. 34-35. (Tradução do autor).

⁴¹ Ver BRIGHT, John. *Op cit.* p. 166-167; MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 67; WALTKE, Bruce K. “The date of the conquest”. p. 191-193.

⁴² ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 191-192; MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 102-106.

⁴³ MERRIL, Eugene H. *Op cit.* p. 65-69.

⁴⁴ SCHULTZ, Samuel J. *Op cit.* p. 82; STEINMANN, Andrew E. “The mysterious numbers of the book of Judges”. In: JOURNAL OF EVANGELICAL THEOLOGICAL SOCIETY, v. 48, no. 3, September, 2005. p. 491; ARCHER, Gleason L. *Op cit.* p. 200.

⁴⁵ STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 491.

Conforme observado por Edwin Thiele, o método de cronologia do Oriente Antigo distinguia-se do costume moderno de datação.⁴⁶ No livro dos Reis, por exemplo, ainda que um rei iniciasse ou terminasse seu reinado em parte de um determinado ano, tal ano seria computado dentro do total de anos que ele governou. Assim, dois reis que reinassem em sucessão, e o registro fornecesse o tempo de dez anos para cada um, na verdade, totalizariam dezenove anos, não vinte, como poderia se pensar.⁴⁷ O mesmo pode ter ocorrido na cronologia dos juízes, quando se computava o período de governo de um juiz sequencial a um tempo de opressão ou do governo de outro juiz.

Além disso, como destacado por Kitchen, os escribas do Oriente Próximo não preparavam listas sincrônicas como é comum na atualidade, ao contrário, alistavam simplesmente cada série de governos separadamente, em sucessão, nos papiros ou tabletes. Ele cita o papiro de Turin dos reis do Egito que alista, de modo completo, todas as cinco dinastias desde a XIII até a XVII em grupos sucessivos, totalizando pelo menos 450 anos. Entretanto, sabe-se por outras fontes que as cinco dinastias perfizeram um total de 216 anos, 1786 a 1570 a.C., indicando que duas a três séries de governantes reinaram contemporaneamente.⁴⁸ É óbvio, portanto, que os anos de governos da lista se sobrepõem, algo idêntico ocorre com a narrativa de juízes.⁴⁹

O início do período de juízes se dá após o final da conquista, a qual, conforme a alta cronologia, é datada em 1399 a.C., sete anos depois de seu início.⁵⁰ Isso porque, segundo o testemunho de Calebe, este tinha 40 anos quando ele e Josué expiaram a terra de Canaã e 85 anos no período final da conquista (Js 14.7-10). Desde que o êxodo ocorrera aproximadamente dois anos antes deste fato (cf. Nm 10.11-12),⁵¹ o final da ocupação israelita sob o comando de Josué precisa situar-se sete anos após seu início, em 1406 a.C.

⁴⁶ MERRIL, Eugene H. "Paul's use of 'about 450 years' in Acts 13:20". In: BIBLIOTHECA SACRA, July-September, 1981. p. 253.

⁴⁷ STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 494.

⁴⁸ KITCHEN, K.A, MITCHELL, T.C. "Cronologia do Antigo Testamento". In: DOUGLAS, J.D. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966. v. 1. p. 364.

⁴⁹ SCHULTZ, Samuel J. *Op cit.* p. 82. Merrill cita um caso parecido com o de Kitchen, no qual listas de reis sumérios de várias cidades-estados antigas parecem indicar governos seqüenciais, mas à luz de outros textos cuneiformes daquele período, foram, na verdade, sincrônicos. Ver MERRIL, Eugene H. "Paul's use of 'about 450 years' in Acts 13:20". p. 254.

⁵⁰ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no antigo Testamento*. p. 149; STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 499.

⁵¹ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no antigo Testamento*. p. 149.

Merril propõe inicialmente, em um artigo, que a época provável para a morte de Josué seria 1361 a.C.,⁵² depois, redefine seu cálculo para cinco anos antes.⁵³ A insistência dele em uma data tão recente para a morte de Josué deve-se à qualificação “jovem” (*na'ar*) em Êxodo 33.11, da qual infere que o líder israelita não poderia ter mais que trinta anos em tal ocasião, próxima ao êxodo, e como falecera com cento e dez anos (Js 24.29; Jz 2.8), a única conclusão seria datar sua morte em 1366 a.C. Devido ao uso lato da palavra hebraica *na'ar* a afirmação de Merrill é carente de força. Um exemplo bíblico no qual o termo hebraico pode indicar adultos de meia-idade se encontra em 1 Samuel 2.17, em que os filhos de Eli, sacerdotes em Siló são chamados de *n^eārîm*. Desde que eles eram sacerdotes antes do nascimento de Samuel (1 Sm 1.3) e tal trabalho exigia a idade mínima de trinta anos (Nm 4), é bem provável que ambos tivessem cerca de quarenta anos ou mais quando são qualificados como *n^eārîm* em 1 Samuel 2.17. Além disso, o termo pode classificar um servo ou ajudante como ocorre em outros textos veterotestamentários (Nm 22.22; Jz 19.3, 9; 1 Sm 2.15) e assim traduziu a *Nova Versão Internacional* o texto de Êxodo 33.11.⁵⁴

Levando-se em conta períodos sobrepostos de opressão e governos de alguns juízes, como é o caso das opressões amonita e filistéia em Juízes 10.7 e os juízes relacionados a estas ocasiões (Jefté, Ibsã, Elom, Abdom e Sansão),⁵⁵ além de Débora e Sangar (Jz 5.6),⁵⁶ e Tolá e Jair (Jz 10.1-3),⁵⁷ pode-se postular uma data cerca de 1380 a.C. para o início da opressão de Cuchã-Risataim (Jz 3.7-8), 20 anos após o término da conquista sob Josué, e 1373-1371 a.C. para o começo da liderança de Otoniel. Pois, este fez parte da geração seguinte a Josué e Calebe (Jz 1.11-12), e governou Israel durante 40 anos (Jz 3.11).⁵⁸

O final da era dos juízes é mais fácil de situar, desde que as informações de datas são explícitas nos textos bíblicos. Como apresentado neste trabalho, se o quarto ano do reinado de

⁵² MERRIL, Eugene H. “Paul’s use of ‘about 450 years’ in Acts 13:20”. p. 250.

⁵³ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no antigo Testamento*. p. 149.

⁵⁴ Carlos Osvaldo entende ser bem pouco provável a proposta dada por Merrill. Ver PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 221.

⁵⁵ STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 495-496;

⁵⁶ WASHBURN, David L. “The Chronology of Judges: another look”. *In: BIBLIOTHECA SACRA*, v. 147, no. 588, October-December, 1990. p. 419-421.

⁵⁷ PAYNE, J.B. “Livro de Juízes”. *In: DOUGLAS, J.D. Op cit.* v. 2. p. 889. A referência “depois dele” (Jz 10.3) não necessariamente significa que Jair governou depois de Tolá, mas, provavelmente, após Abimeleque, desde que um juiz sucede o anterior no relato é especificado pela menção do nome, como no caso de Tolá que libertou Israel “depois de Abimeleque” (Jz 10.1). Além disso, ambos lideraram Israel em regiões diferentes. Ver WASHBURN, David L. *Op cit.* p. 422-424.

⁵⁸ Vários autores defendem uma datação igual ou bem próxima a esta para o início do período de Juízes: PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*. p. 220-221; STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 499; PAYNE, J.B. *Op cit.* p. 889.

Salomão datou-se próximo a 966 a.C.,⁵⁹ o seu início precisa ter ocorrido em 970 a.C. O relato sagrado informa a extensão do governo de Davi totalizando 40 anos (2 Sm 5.4; 1 Rs 2.11). O seu começo, portanto, deu-se cerca de 1010-1009 a.C.⁶⁰ Não há informações claras sobre a duração do reinado de Saul no AT, mas no Novo Testamento, Paulo declara a totalidade de seu reinado ser de 40 anos (At 13.21). Isso faz sentido dentro da narrativa bíblica, pois Is-Bosete, filho de Saul, tinha 40 anos quando começou seu breve governo (2 Sm 2.10), mas, provavelmente, não era nascido quando o pai passou a reinar (1 Sm 14.49).⁶¹ Uma outra fonte confirma os 40 anos da liderança de Saul, Flávio Josefo afirma que Saul reinou 18 anos durante a vida de Samuel e 22 anos após a sua morte.⁶²

Como o relato bíblico apresenta o reinado de Davi sobre Hebrom imediatamente à morte de Saul, então, seria apropriado situar o início da monarquia por volta de 1048-1050 a.C.⁶³ Portanto, a liderança do último juiz, Samuel, que ungi e instituiu Saul como o novo rei da nação (1 Sm 10-12), chega ao seu fim por volta de 1050 a.C., concluindo um período de 330 anos da história de Israel.

2.4. A datação da batalha contra Sísera

A datação da batalha contra Sísera recebe luz a partir de dados arqueológicos, especialmente das escavações realizadas em Hazor. Há, também, aqueles que relacionam a destruição de Megido (Jz 5.19) como uma data próxima ao ocorrido na narrativa de Juízes 4. Bright, por exemplo, sugere que, possivelmente, a destruição de Taanaque e Megido é resultado da vitória de Baraque contra Sísera, cerca de 1125 a.C.⁶⁴ A questão gira em torno da datação da conquista. Os que entendem ter ela ocorrido no século XIII a.C., geralmente, atribuem as descobertas realizadas da destruição da cidade de Hazor, no final da idade do Bronze Posterior (século XIII),⁶⁵ como fruto da Conquista de Josué. O próprio Dr. Yadin

⁵⁹ Cf. MERRIL, Eugene H. *História de Israel no antigo Testamento*. p. 60; ARCHER, Gleason L., Jr. *Op cit.* p. 139; PETROVICH, Douglas. *Op cit.* p. 83; KITCHEN, K.A. *Ancient Orient and Old Testament*. p. 72.

⁶⁰ STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 498.

⁶¹ Ver MERRIL, Eugene H. "Paul's use of 'about 450 years' in Acts 13:20". p. 250, 256.

⁶² STEINMANN, Andrew E. *Op cit.* p. 498.

⁶³ *Idem.Ibid.*; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no antigo Testamento*. p. 202.

⁶⁴ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 223. Esta datação, também, é sugerida por F.F. Bruce. Ver BRUCE, F.F. "Débora". In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* v. 1. p. 395.

⁶⁵ Ver YADIN, Yigael. "The fifth season of excavations at Hazor". In: BIBLICAL ARCHAEOLOGIST, vol. XXXII, no. 3, 1969. p. 50-71.

entende ser este o caso⁶⁶ e Kitchen argumenta que a força militar de Jabim ficava em Harosete no texto de Juízes e nenhuma ênfase é dada à cidade de Hazor, indicando uma data posterior à destruição ocorrida cerca de 1230 a.C.⁶⁷

Tal perspectiva requereria uma revisão das datas propostas até aqui neste trabalho. Todavia, não há unanimidade quanto à data posterior ao século XIII a.C. para a batalha travada por Baraque contra o rei cananeu. O professor Yohanan Aharoni propõe o final do século XIII a.C. para ela e apresenta sua conclusão como estando de acordo com os critérios arqueológicos.⁶⁸ Assim, as descobertas da destruição de Hazor na era do Bronze Posterior podem muito bem ser uma indicação do registro bíblico: “Naquele dia Deus subjogou Jabim, o rei cananeu, perante os israelitas. E os israelitas atacaram cada vez mais a Jabim, o rei cananeu, até que eles o destruíram” (Jz 4.23-24).

Conforme as pesquisas do Dr. Yadin, a destruição da cidade de Hazor não pode ter ocorrido depois do último terço do século XIII a.C.⁶⁹ Waltke destaca o raciocínio de Rowton, o qual argumenta que uma época de fraqueza do domínio egípcio sobre Canaã, como aconteceu na segunda metade do século XIII a.C., propiciaria o domínio de Jabim sobre os israelitas e a batalha promovida por Baraque.⁷⁰

Deste modo, uma data cerca de 1230-1215 a.C. para a guerra que libertou os israelitas das mãos de Jabim, parece ser a mais provável, tendo em vista os dados de cronologia apresentados em Juízes. Compreendendo o início da liderança de Otoniel por volta de 1372 a.C. (ver páginas 11-12), é possível chegar a uma data aproximada de 1218 a.C. para a batalha entre Baraque e Sísera, conforme propõe o quadro cronológico abaixo.⁷¹

⁶⁶ *Idem.* p. 54.

⁶⁷ Ver KITCHEN, K.A. *Ancient Orient and Old Testament.* p. 67-68.

⁶⁸ AHARONI, Yohanan. “Nothing early and nothing late: re-writing Israel’s Conquest”. In: *BIBLICAL ARCHAEOLOGIST*, vol. XXXIX, no. 2, 1976. p. 75.

⁶⁹ WALTKE, Bruce K. “Palestinian artefactual evidence supporting the early date of the Exodus”. p. 44.

⁷⁰ *Idem.* p. 44-45.

⁷¹ Merrill propõe uma data próxima a esta. Ver MERRIL, Eugene H. *História de Israel no antigo Testamento.* p. 168.

Cronologia do Período entre os Juizados de Otoniel e Débora⁷²		
Acontecimento	Duração do Período	Provável Data
Libertação e Juizado de Otoniel	40 anos (Jz 3.11)	1372-1333
Opressão Moabita	18 anos (Jz 3.14)	1333-1316
Libertação e Juizado de Eúde	80 anos (Jz 3.30)	1316-1237
Opressão Cananéia	20 anos (Jz 4.3)	1237-1218
Libertação e Juizado de Débora e Baraque	40 anos (Jz 5.31)	1218-1179

⁷² Uma Cronologia parecida é apresentada em PAYNE, J.B. *Op cit.* p. 889.

3. OS ASPECTOS RELIGIOSOS E SOCIAIS EM JUÍZES 4 E 5

Certos aspectos socioreligiosos e literários circundam o texto de Juízes 4 e 5 e contribuem para um melhor entendimento do *Sitz in Leben* dele. Neste capítulo, serão abordados a questão religiosa cananita, sua influência sobre Israel e o destaque feminino constante tanto na prosa quanto na poesia.

3.1. A apostasia israelita e o contexto religioso cananeu

O relato de Juízes 4 inicia com o comentário de que Israel voltara a fazer o que o Senhor reprova (v. 1). Tal pecado estava intimamente ligado com a corrupção pela idolatria cananita, conforme a introdução do livro informa, especialmente a adoração a Baal e Astarte (Jz 2.11-13, 17, 19).⁷³

A religião cananéia baseava-se no princípio que os deuses eram personificações de forças e objetos da natureza.⁷⁴ Os mitos cananeus, assim, são frutos da observação das flutuações das estações anuais e da tentativa de explicá-las, levantando o véu e explorando as causas escondidas que movimentavam a natureza externa.⁷⁵ Havia um panteão de deuses, cujo cabeça, o deus maior era *El*,⁷⁶ retratado como o senhor transcendente, quase impessoal, assentava-se sobre um local elevado, nas montanhas do Norte, onde possuía sua corte.⁷⁷ A esposa de *El* era *Astarte*, conhecida principalmente por ser a deusa da fertilidade,⁷⁸ mas também, era a deusa do amor.⁷⁹ Sua representação se dava pelas árvores sagradas, ou *Astarote*, que poderiam ser até mesmo o tronco de um arbusto.⁸⁰

Todavia, aquele que ganhou maior destaque dentro do panteão cananeu foi *Baal*, o “senhor”, deus da tempestade, representado por um touro. Provavelmente, trazido no final do terceiro milênio com a migração de amorreus para Canaã. A tendência foi a ascendência de

⁷³ PETERSON, Eugene. “Baalism and Yahwism Update”. In: THEOLOGY TODAY, v. 29, no. 2, 1972. p. 139.

⁷⁴ PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 38; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*.p. 163.

⁷⁵ JACOBS, Vivian R., JACOBS, Isaac R. “The myth of Môt and 'Al'eyan and Ba'al”. In: HARVARD THEOLOGICAL REVIEW, v. XXXVIII, no. 2, April, 1945. p. 77.

⁷⁶ PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 38; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*.p. 163

⁷⁷ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*.p. 163.

⁷⁸ *Idem*. p. 163-164.

⁷⁹ MITCHELL, T.C. “Astarte”. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* v. 1. p. 166; PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 39.

⁸⁰ TAYLOR, Joan E. “The Asherah, the Menorah and the sacred tree”. In: JOURNAL FOR THE STUDY OF OLD TESTAMENT, no. 66, 1995. p. 31-34.

Baal, por ser o deus da tempestade, e o desaparecimento de *El* dentro da adoração cananita. Com isso, criou-se o mito de *Baal*, em que se retrata a luta de *Baal* contra *El*, e sua vitória sobre este e a tomada de sua esposa, *Astarte*. Ajudado por sua irmã, *Anate*, a deusa da Guerra, ele vence os deuses do mar caótico, *Yammu*, e da morte, *Motu*.⁸¹ A partir de então, ele mantém a ordem no mundo, defendendo seu povo e trazendo a fertilidade e prosperidade agrícola.⁸²

A perversidade da religião dava-se na reencenação do mito, especialmente na relação sexual entre *Baal* e *Astarte*, pois, acreditava-se que a fertilidade da terra dependia do sêmen derramado por *Baal* durante tal coabitação. Consequentemente, havia os prostitutos e prostitutas cultuais que realizavam os papéis principais no drama,⁸³ o que era claramente proibido na lei hebraica (e.g. Dt 23.17-18).

É possível compreender, portanto, a atratividade da religiosidade dos vizinhos de Israel, desde que prometiam bênçãos instantâneas a seus adoradores e seus deuses eram controlados pelos homens. Também, vê-se quão terrível era o pecado de Israel contra o seu Senhor, muito bem retratado como prostituição com outros deuses (Jz 2.17) e merecendo a justa punição da parte de Yahweh (Jz 4.2; 5.8).

3.2. O destaque feminino na narrativa e na poesia

O texto em análise destaca e louva a ação de duas mulheres, Débora e Jael. A mulher é retratada no AT como auxiliadora do homem, sua companheira (Gn 2.20).⁸⁴ Apesar disso, ela chamava o seu marido de *ba'al* e *'adon* (senhor, amo), assim como um escravo tratava a seu amo e o súdito ao rei (Gn 18.12; cf. Am 4.1). Era considerada posse de seu marido, assim como o escravo e o boi (Êx 20.17; Dt 5.21), podendo ser repudiada por este, mas não repudiá-lo (Dt 24.1-4).⁸⁵ Mesmo diante de tal quadro, sua situação era diferente da de um escravo e Yahweh demonstra ser um Deus preocupado com o gênero mais frágil. A mulher jamais poderia ser vendida como escrava por seu esposo, nem mesmo quando tomada como despojo

⁸¹ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 164.

⁸² CHISHOLM, Robert B., Jr. "Yahweh versus the canaanite gods: polemic in judges and 1 Samuel 1-7". In: BIBLIOTHECA SACRA, v. 164, no. 654, April-June, 2007. p. 169.

⁸³ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 164; PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 38.

⁸⁴ GRAY, M. "Mulher". In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* v. 2. p. 1076.

⁸⁵ VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 62.

de guerra (Êx 21.7; Dt 21.14). E ainda que fosse repudiada por seu marido, estava protegida pela carta de divórcio (Dt 21.1-4).⁸⁶

A lei condenava a desobediência e desonra dos filhos à mãe da mesma forma que ao pai (Êx 20.12; 21.17; Lv 19.3; 20.9; Dt 21.18-21), e os escritos sapienciais insistem no respeito à mãe, além de louvar a boa dona de casa (Pv 19.26; 20.20; Pv 31.10-31). Os relatos que contam a intimidade da família apresentam a mulher amada e respeitada pelo marido, tratada como uma igual (cf. 1 Sm 1.4-8, 22-23; 2 Rs 4.8-24).⁸⁷

A primeira mulher em destaque no texto é Débora, que exerce os papéis de juíza e profetisa, na região montanhosa de Efraim (Jz 4.4-5), à semelhança do profeta e juiz posterior, Samuel (cf. 1 Sm 3.19-21; 7.15-17).⁸⁸ Profetizas são comuns no AT, como os casos de Miriã (Êx 15.20), Hulda (2 Rs 22.14) e Noadia (Ne 6.14).⁸⁹ Tal papel dava-se no pronunciamento autoritativo da palavra de Yahweh, como o texto mesmo demonstra (cf. Jz 4.6-7, 9, 14). A comprovação do verdadeiro profeta ocorria pelo cumprimento daquilo que este anunciara (Dt 18.21-22)⁹⁰ e pelo chamado à devoção única a Yahweh (Dt 13.1-5), duas características claras de Débora na prosa e poesia (Jz 4.15-16, 21-23; 5.1-5, 31).

Provavelmente, sua instrumentalidade nas mãos de Yahweh como profetisa, levou o povo a buscá-la como juíza e, então, no socorro das tribos oprimidas ao Norte.⁹¹ Cabe salientar que seu papel como juíza se constitui uma exceção, a única mulher mencionada entre os juízes, numa situação de caos e emergência da nação, além de um sistema político sem poder centralizador, o que proporcionava à mulher tal liderança em ocasiões atípicas.⁹²

Tendo apresentado as condições sociais que permitiram a ascensão da liderança feminina durante a guerra, devo enfatizar, todavia, que sua liderança não era a norma no Israel pré-monárquico. De outro modo, alguém poderia esperar que muitos mais exemplos como o de Débora teriam sido registrados. A mulher guerreira era uma personagem quase imperceptível. Sua liderança na guerra era

⁸⁶ *Idem. Ibid.*

⁸⁷ *Ibid.* p. 62-63.

⁸⁸ BLOCK, Daniel I. "The period of the Judges: religious disintegration under tribal rule. In: GILEADI, Avraham (ed.). *Israel's apostasy and restoration: essays in honor of Roland K. Harrison*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1988. p. 49.

⁸⁹ Noadia, provavelmente, não era profetisa de Yahweh, porque estava ligada com a oposição à construção do muro de Jerusalém e, talvez, compusesse alguma religião sincrética samaritana.

⁹⁰ ROWLEY, H.H. *A fé em Israel*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 61-62.

⁹¹ BRUCE, F.F. "Débora". p. 395.

⁹² YEE, Gale A. "By the hand of a woman: the metaphor of the woman warrior in Judges 4". In: SEMEIA, no 61, 1993. p. 110-112.

uma resposta a situações emergentes de conflito, as quais eram prevalentes no tempo dos Juízes. Isso era admissível por causa da flexibilidade entre as linhas do domínio doméstico e público. A repentina confusão dos papéis dos gêneros em tais situações anômalas durante a guerra era apenas temporária. Presumia-se que quando a emergência passasse, as mulheres retornariam às suas ocupações ordinárias.⁹³

A narrativa apresenta a importância de Débora na iniciativa para que Israel se engajasse na guerra contra Sísera, primeiramente, chamando Baraque à sua responsabilidade como comandante militar (Jz 4.6-7) e, depois, o acompanhando na convocação e liderança do exército na batalha (Jz 4.9-10, 14; 5.7-9, 15). Como outras mulheres que desempenharam o papel de cantoras das vitórias de Israel, em tempos de guerra (Êx 15.20-21; 1 Sm 18.6-7), Débora compôs a canção encontrada em Juízes 5,⁹⁴ contando detalhes da guerra e expressa, de forma bela e clara, sua piedade e devoção a Yahweh.

Jael, a outra personagem feminina é retratada como esposa de Héber, um queneu descendente de Hobabe, parente de Moisés, que se distanciou de seu povo e passou a morar no norte, próximo à cidade de Quedes de Naftali (Jz 4.11, 17). Os outros queneus nesta época habitavam ao Sul, no Neguebe (Jz 1.16).⁹⁵ Jael convidou Sísera para entrar em sua tenda e serviu-lhe coalhada em sinal de hospitalidade (Jz 4.19; 5.25).⁹⁶ No Antigo Oriente, qualquer homem era proibido de entrar na tenda de uma mulher, exceto seu marido ou pai.⁹⁷ Assim, apesar de violar a intimidade de Jael, este parecia ser o tipo de esconderijo ideal para Sísera, pois nunca o procurariam ali.

Após rogar pela ajuda de Jael para escapar do inimigo, Sísera dorme (Jz 4.20-21). Enquanto isso, a mulher pega uma estaca da tenda e um martelo, instrumentos domésticos, desde que as mulheres eram responsáveis pelo armamento e desmontamento das tendas,⁹⁸ e crava na frente do comandante de Jabim a estaca, perfurando a cabeça até o chão, o que resultou em sua morte (Jz 4.21; 5.26-27). Morrer nas mãos de uma mulher era algo ultrajante

⁹³ YEE, Gale A. *Op cit.* p. 112.

⁹⁴ BRUCE, F.F. “Débora”. p. 395-396; YEE, Gale A. *Op cit.* p. 111.

⁹⁵ DAVIS, John J., WOLF, Herber. “Juízes”. In: BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida 2003. p. 372.

⁹⁶ CONSTABLE, Thomas L. *Notes on Judges*. [s.l.]: 2005. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Junho de 2008. p. 31.

⁹⁷ DAVIS, John J., WOLF, Herber. *Op cit.* p. 371.

⁹⁸ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 32.

para um guerreiro daquela época (cf. Jz 9.54).⁹⁹ Quando Baraque chega ao local, Jael vem ao seu encontro e mostra-lhe o defunto (Jz 4.22). Tal postura evidenciou claramente sua lealdade a Israel e seu Deus, cumprindo a ordem divina de eliminar os cananeus daquela terra (cf. Dt 31.1-8, 32; Js 1.1-9), em contraste com a infidelidade de seu marido (Jz 4.17). Sua atitude é louvada no cântico de Débora (Jz 5.24-27).

Diante destes apontamentos, pode-se compreender a preocupação do editor do livro de Juízes em mostrar e louvar a fé corajosa e destemida de duas mulheres em Yahweh e seu poder, numa época em que a nação caminhava em inconstância e infidelidade a Deus (Jz 4.1; 5.7-8). Em contraste a elas, Baraque titubeia e não confia na palavra autorizada de Yahweh (Jz 4.8), recebendo como disciplina a perda da honra de matar o comandante inimigo, que fora dada a Jael (Jz 4.9; 5.24-27). Portanto, a passagem não deve ser vista como uma regra para a liderança feminina, mas uma exceção, em que Deus usa mulheres que o temem, na ausência de líderes homens comprometidos e dependentes dEle.¹⁰⁰

⁹⁹ DAVIS, John J., WOLF, Herber. *Op cit.* p. 384; YEE, Gale A. *Op cit.* p. 116.

¹⁰⁰ BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 49.

4. O CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO, MILITAR E GEOGRÁFICO EM JUÍZES 4 E 5

O contexto político do Oriente Médio Antigo bem como as circunstâncias do governo tribal israelita propiciam um entendimento melhor da situação bíblica descrita em Juízes 4 e 5 e validam a veracidade da narração. Questões geográficas e aspectos militares envolvidos na opressão infligida por Jabim e na batalha liderada por Baraque, também, serão observados neste capítulo.

4.1. O contexto político do Oriente Médio Antigo

O final do século XIII a.C., época na qual se situa a batalha contra Sísera, alguns acontecimentos mudavam o cenário político que imperara até então. O império hitita que exercera controle ao norte de Canaã, sobre as cidades-estados sírias, sofria constante pressão dos assírios,¹⁰¹ precisando ceder sua fronteira leste a eles.¹⁰² Por fim, acabou caindo diante do ataque violento de Povos do Mar, por volta de 1200 a.C., que já vinham realizando incursões na Palestina.¹⁰³

A Assíria, neste período, experimentara uma ascensão de poder sob o comando de Tukulti-Ninurta (1235-1198 a.C.), que conquistara territórios da Armênia ao Golfo Pérsico e capturara o rei cassita de Babilônia.¹⁰⁴ Todavia, tais conquistas não influíram sobre a Palestina que permanecia debaixo do controle egípcio.¹⁰⁵

Durante o reinado de Ramsés II (1301-1234 a.C.), o Egito manteve suas fronteiras e domínio sobre a Palestina, apesar da derrota para os hititas na batalha de *Kadesh* (1296),¹⁰⁶ o que ocasionou, provavelmente, algum tipo de tumulto entre os estados vassallos de Canaã.¹⁰⁷ Posteriormente, cerca de 1280 a.C., haveria um tratado de paz entre Ramsés e Hattusilis III, o monarca hitita, garantindo certa estabilidade no controle dos territórios delimitados para cada um.¹⁰⁸ Diante disso, é possível ver a conexão desta parte da história egípcia com o relato de

¹⁰¹ MACDONALD, A. “Juízes”. In: DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963. v. 1. p. 272; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 157.

¹⁰² PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 30.

¹⁰³ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 157.

¹⁰⁴ PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 33.

¹⁰⁵ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 156.

¹⁰⁶ PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 24.

¹⁰⁷ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. p. 158.

¹⁰⁸ MACDONALD, A. *Op cit.* p. 272; PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. p. 24.

Juízes, pois, Jabim de Hazor, o rei cananeu (Jz 4.2-3), era vassalo de Ramsés II e começou a oprimir Israel no final do governo deste Faraó (c. 1238 a.C.), quando o mesmo já não fazia mais incursões dentro da Palestina e seu poder declinava.¹⁰⁹

O sucessor de Ramsés II foi Merneptá (1234-1225 a.C.) que chegou a realizar uma campanha em seu quinto ano de governo na Palestina, na qual derrotou alguns israelitas na força de resistência, conforme relata na “Estela de Israel”, mas parece ter atingido apenas a região centro-sul da Palestina, capturando a cidade de Gezer, sem prejudicar o governo de Jabim II, ao norte da região.¹¹⁰ Após Merneptá, o Egito caiu numa anarquia e um oportunista sírio ocupou o poder por cerca de 20 anos.¹¹¹ Durante este período de ausência egípcia em Canaã, Baraque derrotou Sísera, por volta de 1218 a.C., destruiu a cidade Hazor e trouxe paz para Israel, novamente.

Outro grupo que influenciou o cenário mundial da época são os famosos Povos do Mar que vieram da região do Mar Egeu e atacaram o Egito já no período de Ramsés II, mas receberam maior destaque pelos Faraós Merneptá e Ramsés III.¹¹² Fizeram incursões pela Palestina por volta de 1230 a.C., sendo derrotados por Merneptá e acabando por se instalar no litoral cananeu.¹¹³ Outras hordas voltaram a atacar o Egito, no começo do século XII a.C.,¹¹⁴ e nesta época impuseram derrota aos hititas, culminando no fim de tal império.¹¹⁵ Dessas hordas de povos do Mar tanto da época de Merneptá, quanto do começo do século XII, veio o grupo conhecido por filisteus que habitou na faixa litorânea sul de Canaã.¹¹⁶ Sísera, o comandante militar de Jabim (Jz 4.2), cujo nome não é de origem semita, muito provavelmente, fazia parte destes grupos de Povos do Mar que chegou a Canaã no século XIII a.C.¹¹⁷ Também, é importante notar que Sangar, contemporâneo de Débora (Jz 5.6), enfrentou filisteus que invadiam e migravam para Canaã nesse momento (Jz 3.31).¹¹⁸

¹⁰⁹ KITCHEN, K.A. “Egito”. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* v. 1. p. 470; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento.* p. 159.

¹¹⁰ KITCHEN, K.A. “Egito”. p. 470

¹¹¹ *Idem.Ibid.*

¹¹² NETO, Tiago Abdalla T. *Quem eram os filisteus?*. Artigo disponível em www.monergismo.com. Acessado em Outubro de 2008.

¹¹³ PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo.* p. 24.

¹¹⁴ *Idem.Ibid.*;

¹¹⁵ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento.* p. 157.

¹¹⁶ *Idem.* p. 161-162; PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo.* p. 24.

¹¹⁷ MAYES, A.D.H. “The historical context of the battle against Sisera”. In: VETUS TESTAMENTUM, v. XIX, no. 3, 1969. p. 358-359; BRIGHT, John. *Op cit.* p. 223.

¹¹⁸ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento.* p. 168.

4.2. A confederação tribal israelita

A estrutura social e política de Israel, na época do livro dos Juízes até o início da monarquia, tem sido objeto de intensa discussão. A tese anteriormente aceita de que Israel era uma liga de tribos bem organizada, uma espécie de *anfitionia*, com um conselho de estado formado pelos representantes das tribos, proposta por Martin Noth, tem sido amplamente rejeitada nos tempos modernos.¹¹⁹ Todavia, não se nega que a nação de Israel era constituída por algum tipo de liga ou federação entre as tribos, ainda que fosse muito pouco organizada e incapaz de reunir todos seus membros para uma guerra de emergência (cf. Jz 5.16-17).¹²⁰

Várias evidências no livro apontam para o fato de que Israel se via como um único povo, não como tribos independentes. Primeiro, a frequência percentual do nome “Israel” no livro é mais alta que em qualquer outro do AT.¹²¹ Segundo, expressões pan-israelitas são comuns na narrativa do livro, como “todo Israel” (Jz 8.27), “todos os filhos de Israel” (2.4; 20.1), “a mão de Israel” (3.30; 11.21), “o acampamento de Israel” (7.15), “a miséria de Israel” (10.16), “os limites de Israel” (19.29) e “a herança de Israel” (20.6). Ainda, a ira de Yahweh se acende contra Israel (2.14; 20; 3.8; 10.7); Ele testa Israel (2.22; 3.1, 4); atos infames são cometidos em Israel (20.6); a maldade é removida de Israel (20.13); Gideão é filho de Joás, “um homem de Israel” (7.14); e Débora é uma “mãe em Israel” (5.7).¹²² Todas estas ocorrências indicam a perspectiva de unidade entre as tribos, não o contrário.

Contra o argumento de que os textos acima são projeções de um período posterior dentro de uma era primitiva, deve ser observado que: (1) as listas de arquivos de Juízes que parecem estar baseadas em fontes primitivas (10.1-5; 12.8-15), apresentam Israel como unidade; (2) O cântico de Débora datado, pelo menos, do século XI a.C.,¹²³ usa da mesma forma o nome Israel, além de citar a maioria das tribos (cf. Jz 5).¹²⁴

As razões para tal unidade se dão, primeiramente, no reconhecimento de que possuíam um ancestral em comum. O uso freqüente da expressão “filhos de Israel” aponta para esta direção. Significativamente, quando o servo propõe ao seu senhor levita para

¹¹⁹ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 203-204; BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 41; SELLIN, E., FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977. v. 1. p. 291.

¹²⁰ PINTO, Carlos Osvaldo. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento I*. Atibaia: SBPV, [s.d.]. (Material não publicado – Apostila do curso de Bacharel em Teologia); BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 41, 45; BRIGHT, John. *Op cit.* p. 203

¹²¹ BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 41, 53-54.

¹²² *Idem.* p. 41-42.

¹²³ No presente trabalho a data defendida é do século XIII a.C.

¹²⁴ *Idem.* p. 42.

passarem a noite em Jebus, o senhor responde: “Não. Não vamos entrar numa cidade estrangeira que não é dos filhos de Israel” (19.12) – preferindo passar a noite em Gibeá de Benjamim que pertencia aos “filhos de Israel” (19.13-14). No final do livro, os filhos de Israel tratam os benjamitas como seus irmãos e vice-versa (20.13, 23, 28). A perda de Benjamim é encarada como a perda de um membro de família (21.6) e no começo do livro, os patriarcas são reconhecidos como os pais dos israelitas (2.1, 12, 17).¹²⁵ A evidência extra-bíblica da “Estela de Israel” favorece esta visão, desde que, enquanto os nomes cananitas estão ligados a terras estrangeiras específicas, Israel aparece como um povo estrangeiro, descrevendo os israelitas num sentido étnico antes que geográfico.¹²⁶

Outro motivo para a unidade nacional em Israel era sua religiosidade em comum. Muito provavelmente, Silo foi o local central de adoração da nação israelita, onde ficava a Arca da Aliança (Js 18.1; Jz 18.31; 1 Sm 1.3; 4.4) e onde se realizavam as festas religiosas (Jz 20.19; 1 Sm 1.3, 21).¹²⁷ Yahweh era o Deus da nação (Jz 4.6; 5.3; 6.8; 11.21, 23) a quem deviam exclusiva lealdade (Jz 2.1-2; 6.10; 10.13-14), conforme a aliança do Sinai (Jz 5.5 com Dt 33.2-5), em contraste com os deuses dos povos ao seu redor (Jz 2.12).

Como destacado acima, o sistema político tribal na época dos juízes foi bem frágil. Os capítulos 1 e 2 do livro, indicam a transferência do poder político de uma figura central como Josué para as tribos separadamente. Isto pode ser inferido pelo fato de que a agressão estrangeira é dirigida contra tribos individuais (Jz 10.9), pelas solicitações de ajuda militar a outras tribos (Jz 4.10; 6.35; 7.23-24) e o registros das repostas delas a tais apelos (Jz 5.14-18; 8.1; 12.1-6).¹²⁸ O sistema político, provavelmente, se dava pelos anciãos e juízes locais de clãs e cidades, que resolviam questões judiciais e civis (Dt 19.12; 21.1-9, 18-21; 22.13-21; 25.1-10).¹²⁹ Havia a nomeação de “oficiais” para o auxílio na realização dos julgamentos (Dt 16.18) que deveriam ocorrer com total equidade (Dt 1.16ss; 16.19ss). Não havia organização tribal formada, muito menos nacional.

De tempos em tempos, quando uma tribo ou várias experimentavam situações de crise, Deus levantava um juiz libertador, que evidenciava capacitação sobrenatural (e.g. Jz 3.10; 6.34; 11.29), para libertar seu povo.¹³⁰ O juízes libertadores, assim, realizavam um papel

¹²⁵ *Idem.* p. 42-43.

¹²⁶ *Idem.* p. 42, 54.

¹²⁷ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 210-213.

¹²⁸ BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 44.

¹²⁹ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 207; BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 44.

¹³⁰ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 208.

especialmente militar e, em algumas situações, também, governamental (Jz 11.32-34 com 12.7).¹³¹ Débora, a juíza da história em análise, exerceu as duas funções (Jz 4.4, 10, 14-15). Apesar do carisma dos libertadores, nenhum deles desempenhou um papel de governante central da nação,¹³² ao contrário, há a recusa clara de Gideão em se tornar rei (Jz 8.22) e a crítica mordaz de Jotão contra o desejo de instaurar a monarquia entre o povo de Siquém (Jz 9.7-21).¹³³ A ausência de um poder central é bem enfatizada no livro (Jz 17.6; 18.1; 20.25).

4.3. O governo de Jabim II e a batalha liderada por Baraque

O texto narra a opressão de Jabim, rei de Hazor sobre as tribos israelitas que se localizavam ao norte do Vale de Jezreel, na Palestina.¹³⁴ Este Jabim não deve ser confundido com o rei que foi derrotado por Josué e eliminado por ele, além da total destruição da cidade de Hazor mediante o fogo (Js 11.1-14).¹³⁵ Parece que Jabim (“o sensato” ou “o sagaz”) era um título ou nome dinástico.¹³⁶ As tribos afetadas pela opressão, provavelmente, foram Naftali, Zebulom e Issacar¹³⁷ (Ver Apêndices 1 e 2; cf. Jz 4.6-7; 5.15).

A cidade de Hazor ficava ao norte da Palestina, na herança designada a Naftali (ver Js 19.36),¹³⁸ era uma das maiores cidades da região e por ela passava uma importante estrada de rota comercial que ligava o Egito à Mesopotâmia.¹³⁹ A ascensão de seu governante, aproximadamente em 1238 a.C., deve-se à fraqueza das potências ao redor, como destacado acima. Seu principal quartel general se localizava em Harosete-Hagoim (Jz 4.2, 13, 16), uma cidade próxima ao ribeiro de Quisom, a leste do Monte Carmelo,¹⁴⁰ onde seu comandante Sísera, de provável ascendência indo-ariana,¹⁴¹ liderava o exército cananeu. A superioridade militar de Jabim e seu general dava-se pelos novecentos carros de ferro que possuía, o que

¹³¹ SELLIN, E., FOHRER, G. *Op cit.* p. 290-292.

¹³² BLOCK, Daniel I. *Op cit.* p. 45.

¹³³ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 208.

¹³⁴ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento.* p. 168.

¹³⁵ Ver DOUGLAS, J.D. “Jabim”. In: _____. *Op cit.* v. 2. p. 781; MACDONALD, A. *Op cit.* p. 279.

¹³⁶ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 27.

¹³⁷ Ver também MACDONALD, A. *Op cit.* p. 279.

¹³⁸ MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros de Josué, Juízes e Rute.* 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p. 184.

¹³⁹ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 27.

¹⁴⁰ LILLEY, J.P.U. “Harosete-Hagoim”. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* v. 2. p. 696; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento.* p. 168.

¹⁴¹ MAYES, A.D.H. *Op cit.* p. 358-359; BRIGHT, John. *Op cit.* p. 223.

facilitava seu domínio sobre as planícies e regiões secas de Canaã e mantinha os israelitas nas regiões montanhosas.¹⁴² As carruagens de ferro eram uma novidade na Palestina, pois o ferro só começara a se tornar comum por volta de 1200 a.C.¹⁴³

A opressão de Jabim é qualificada como cruel, literalmente, “com força”, sobre os filhos de Israel (Jz 4.3).¹⁴⁴ Em consequência disso, o povo israelita deixou de trafegar pelas principais estradas com medo de ser molestado pelo inimigo, usando rotas alternativas (Jz 5.6).¹⁴⁵ O comércio foi, muito provavelmente, prejudicado com isso, e até o trabalho normal do dia-a-dia deixou de acontecer, ficando as aldeias desertas (Jz 5.7).¹⁴⁶ A opressão levou o povo a buscar ajuda de outros deuses, o que trouxe apenas instabilidade e disputas internas (Jz 5.8). Os soldados careciam de armas para reagir à situação (Jz 5.8).¹⁴⁷

Em meio a tal contexto, Débora, que agia como juíza em questões civis sobre Israel, em Efraim (Jz 4.4-5), convoca Baraque e, desempenhando a função profética, ordena que ele reúna dez mil soldados das tribos de Zebulom e Naftali e se dirija ao monte Tabor, na confiança de que Deus lhe daria vitória sobre Sísera, comandante do exército de Jabim (Jz 4.6-7). Baraque era filho de Abinoão e habitava na região da tribo de Naftali que sofria a opressão cananita. Quedes, sua cidade de origem, era designada com a expressão “de Naftali” (ver Jz 4.6), a fim de distingui-la de outra cidade localizada ao norte de Hazor.¹⁴⁸ Ela se situava a sudoeste do mar da Galiléia, próxima ao monte Tabor (ver Apêndices 1 e 2), e tornou-se a principal localidade da tribo de Naftali (Js 19.37). Ali, também, Baraque reuniria seu exército conforme a orientação divina por meio de Débora (Jz 4.6, 9).

A reunião das tribos israelitas tem sido objeto de discussão no meio acadêmico devido à aparente discrepância entre a prosa do capítulo 4 e a poesia no 5.¹⁴⁹ Mas, não há razão para entendê-los como tradições diferentes de textos, como escreveu Athalya Brenner:

A maioria dos estudiosos, percebendo ou não, reconstrói a linha do enredo a partir de dois textos. Isto me parece ser sustentado, também, por um superficial relance sobre a maioria dos comentários e discussões, e pelo comentário final em prosa do

¹⁴² CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 27.

¹⁴³ MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento.* p. 168.

¹⁴⁴ NET BIBLE. Biblical Studies Foundation. Disponível em www.bible.org. Acessado em Setembro de 2008. tn. (textual note) 7.

¹⁴⁵ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 35.

¹⁴⁶ *Idem. Ibid.*

¹⁴⁷ *Idem. Ibid.*

¹⁴⁸ WISEMAN, D.J. “Quedes, Quedes de Naftali”. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* v. 3. p. 1354.

¹⁴⁹ Ver HALPERN, Baruch. “The resourceful israelite historian: the song of Deborah and israelite historiography”. In: HARVARD THEOLOGICAL REVIEW, v. 76, no. 4, 1983. p. 387-391.

autor ou editor, o que faz com que o poema esteja inserido dentro de uma narrativa em prosa (v. 31) ... ainda assim, vendo como um todo, não é difícil sustentar que são duas variantes da mesma narrativa: ambas são requeridas para a reconstrução de uma única história.¹⁵⁰

As duas narrativas são complementares e fornecem um quadro maior para o entendimento do ocorrido na guerra. O capítulo 4 enfatiza a convocação das duas principais tribos que se encontravam debaixo da opressão, Zebulom e Naftali (Jz 4.6, 9-10). Juntamente com elas, outras tribos participaram da guerra, mesmo não tendo uma obrigação política, mas uma responsabilidade moral, desde que a guerra contra os cananeus era fruto da aliança com Deus.¹⁵¹ Efraim, região em que Débora exercia sua judicatura, participou, bem como Benjamim (Jz 5.14). A referência a Maquir (Jz 5.14), indica a tribo de Manassés Ocidental (ver Apêndice 1) que, possivelmente, experimentou em parte a opressão de Jabim.¹⁵²

Issacar, tribo onde se deu a guerra conforme a narrativa (Ver Apêndice 4),¹⁵³ engajou-se na batalha junto com seus líderes (Jz 5.15). Várias tribos se abstiveram, dentre elas as que ficavam na Transjordânia, Rúbem, Gade e Manassés Oriental (Jz 5.15-17). Outras, como Dã e Aser, livres da opressão e envolvidas com o comércio, não atenderam à convocação de Débora (Jz 5.17).¹⁵⁴ Dã, localizada ao norte, possivelmente, estava explorando o comércio no Mediterrâneo e para isso contava com alguma aliança com os fenícios e cananeus, não podendo socorrer as outras tribos debaixo da opressão de seus aliados.¹⁵⁵

Ao lado de Sísera havia vários reis vassallos de cidades-estados cananitas (Jz 5.19). A derrota parece ter ocorrido muito mais por uma ação divina (Jz 4.7). A guerra aconteceu entre o Monte Tabor (Jz 4.12, 14) e o ribeiro de Quisom (4.13), no Vale de Jezreel (5.19). Certamente, era um local estrategicamente pensado por Sísera, pois, seus carros de guerra teriam um amplo espaço para dominar o campo e atacar em peso o inimigo, a partir de qualquer lugar.¹⁵⁶ O poema fornece a informação de que uma forte tempestade encheu o rio

¹⁵⁰ BRENNER, Athalya. "A triangle and a rhombus in narrative structure: a proposed integrative reading of Judges IV and V". In: VETUS TESTAMENTUM, v. XL, no. 2, 1990. p. 129-130.

¹⁵¹ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 208.

¹⁵² CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 35-36.

¹⁵³ *Idem.* p. 36.

¹⁵⁴ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 223.

¹⁵⁵ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 36.

¹⁵⁶ DAVIS, John J., WOLF, Herber. *Op cit.* p. 371.

Quisom e, conseqüentemente, tornou lamacento o solo ao redor.¹⁵⁷ Com isso, os carros de Sísera foram levados e atolaram na lama, facilitando o ataque israelita que vinha do alto do monte (Jz 5.20-22).¹⁵⁸ Enquanto, os soldados fugiam para o oeste, rumo a Harosete-Hagoim e foram derrotados completamente por Baraque (Jz 4.15-16), Sísera, talvez, tentando despistar o inimigo, se desloca para o leste, próximo a Quedes, onde morava Héber, o quenita (Jz 4.17; cf. v.11).

A hospitalidade oriental valorizava muito o hóspede, o qual era sagrado e deveria ser sempre protegido pelo anfitrião.¹⁵⁹ Jael, contrariando as regras, seduz Sísera com sua recepção e quando este repousa num sono profundo, com um martelo e uma estaca, ela finca a estaca na cabeça de Sísera que morre imediatamente (Jz 4.17-21; 5.24-27). Quando Baraque chega ao local, Jael lhe mostra o corpo do defunto com a estaca cravada na fronte (Jz 5.22). Tal vitória conferiu às tribos oprimidas autonomia e a completa destruição de Jabim, posteriormente (Jz 4.22-23).

¹⁵⁷ MESQUITA, Antônio Neves de. *Op cit.* p. 185-186.

¹⁵⁸ *Idem. Ibid.*; BRUCE, F. F. “Juízes”. p. 396; DAVIS, John J., WOLF, Herber. *Op cit.* p. 371.

¹⁵⁹ VAUX, Roland de. *Op cit.* p. 29.

5. CONCLUSÃO

Diante dos pontos desenvolvidos acima, este trabalho cumpre seus objetivos propostos na introdução. Uma cronologia aproximada para o período que cercou os governos dos juízes foi postulada, em consonância aos dados arqueológicos e bíblicos, entre os anos de 1380 – 1050 a.C., e a Batalha contra Sísera por volta de 1218 a.C.

O contexto religioso cananeu exposto, evidenciou sua perversidade e atratividade para os recém-chegados israelitas em Canaã, que se deixaram seduzir pela forte imanência e promessas instantâneas de bênçãos do baalismo ao redor.

O destaque feminino da narrativa louvou a fé corajosa em Yahweh de Débora e Jael, que não se deixaram intimidar pelo inimigo, mas foram usadas por Deus num momento de caos nacional e de falta de uma liderança masculina, confiante e dependente do poder de Yahweh.

O contexto político mundial, que cercou o período da opressão de Jabim II (aprox. 1237-1218 a.C.), caracterizou-se pelo enfraquecimento das principais potências, os hititas e os egípcios, e o início de uma série de incursões em Canaã pelos Povos do Mar. O governo israelita tribal da época era descentralizado, em que autoridades locais julgavam as questões legais e civis do povo.

A opressão de Jabim II se deu no norte da Palestina, sobre algumas tribos israelitas que, com a ajuda de outras tribos e sob a liderança de Débora e Baraque, venceram o general Sísera, mediante a intervenção sobrenatural divina no rio Quisom. Tal vitória concretizada pelas mãos de Jael garantiu a libertação das tribos do Norte e a destruição completa de Jabim e sua cidade, Hazor.

Isto posto, não há razão para o ceticismo perante o texto sagrado. As informações bíblicas se mostraram confiáveis e coerentes com os dados arqueológicos e literários do mundo de sua época, possibilitando uma reconstrução histórica de Juízes 4 e 5.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AHARONI, Yohanan. "Nothing early and nothing late: re-writing Israel's Conquest". In: BIBLICAL ARCHAEOLOGIST, v. XXXIX, no. 2, p. 55-76, May, 1976.
- ARCHER, Gleason L., Jr. *Merece Confiança o Antigo Testamento?*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida 2003.
- BRENNER, Athalya. "A triangle and a rhombus in narrative structure: a proposed integrative reading of Judges IV and V". In: VETUS TESTAMENTUM, v. XL, no. 2, p. 29-138, 1990.
- BRIGHT, John. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- CHISHOLM, Robert B., Jr. "Yahweh versus the canaanite gods: polemic in judges and 1 Samuel 1-7". In: BIBLIOTHECA SACRA, v. 164, no. 654, p. 165-180, April-June, 2007.
- CONSTABLE, Thomas L. *Notes on Judges*. [s.l.]: 2005. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Junho de 2008.
- DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963. v. 1.
- DEL PRADO. *Bíblia: os caminhos de Deus*. Madrid: Del Prado, 1996. v. 1.
- _____. *O mundo egípcio: deuses, templos e Faraós*. Madrid: Del Prado, 1996. v. 1.
- DOUGLAS, J.D (ed.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966. 3 v.
- GILEADI, Avraham (ed.). *Israel's apostasy and restoration: essays in honor of Roland K. Harrison*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1988.
- HALPERN, Baruch. "The resourceful israelite historian: the song of Deborah and israelite historiography". In: HARVARD THEOLOGICAL REVIEW, v. 76, no. 4, p. 379-401, 1983.
- JACOBS, Vivian R., JACOBS, Isaac R. "The myth of Môt and 'Al'eyan and Ba'al". In: HARVARD THEOLOGICAL REVIEW, v. XXXVIII, no. 2, p. 77-109, April, 1945.
- KITCHEN, K.A. *Ancient Orient and Old Testament*. London: Inter-Varsity. 1966.
- MAYES, A.D.H. "The historical context of the battle against Sisera". In: VETUS TESTAMENTUM, v. XIX, no. 3, p. 353-360, 1969.
- MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- _____. "Paul's use of 'about 450 years' in Acts 13:20". In: BIBLIOTHECA SACRA, v. 138, no. 551, p. 246-257, July-September, 1981.
- MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros de Josué, Juízes e Rute*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

NET BIBLE. Biblical Studies Foundation. Disponível em www.bible.org. Acessado em Setembro de 2008.

NETO, Tiago Abdalla T. *Quem eram os filisteus?*. Artigo disponível em www.monergismo.com. Acessado em Outubro de 2008.

PETERSON, Eugene. “Baalism and Yahwism Update”. In: THEOLOGY TODAY, v. 29, no. 2, p. 138-143, 1972.

PETROVICH, Douglas. “Amenhotep II and the historicity of the Exodus-Pharaoh”. In: THEOLOGICAL MASTER’S SEMINARY JOURNAL, v. 17, no. 1, p. 81-110, Spring, 2006.

PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV), 2005. (Material não publicado – Apostila do curso de Mestrado em Teologia).

_____. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006.

_____. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento I*. Atibaia: SBPV, [s.d.]. (Material não publicado – Apostila do curso de Bacharel em Teologia).

RIDLING, Zaine. *Bible Atlas*. [s.l.]: Acces Foundation, [s.d.].

ROWLEY, H.H. *A fé em Israel*. São Paulo: Teológica, 2003.

SELLIN, E., FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977. v. 1.

SCHULTZ, Samuel J. *Habla el Antigo Testamento: um examen completo de La historia y literatura del Antigo Testamento*. Disponível em www.graciasoberana.com. Acessado no 1º Semestre de 2006.

STEINMANN, Andrew E. “The mysterious numbers of the book of Judges”. In: JOURNAL OF EVANGELICAL THEOLOGICAL SOCIETY, v. 48, no. 3, p. 491-500, September, 2005.

TAYLOR, Joan E. “The Asherah, the Menorah and the sacred tree”. In: JOURNAL FOR THE STUDY OF OLD TESTAMENT, no. 66, p. 29-54, 1995.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WALTKE, Bruce K. “The date of the conquest”. In: WESTMINSTER THEOLOGICAL JOURNAL, v. 52, no. 2, p. 181-200, 1990.

_____. “Palestinian artefactual evidence supporting the early date of the Exodus”. In: BIBLIOTHECA SACRA, v. 129, no. 513, p. 33-47, January, 1972.

WARNER, Sean M. “The dating of the period of the judges”. In: VETUS TESTAMENTUM, v. XXVIII, no. 4, p. 455-463, 1978.

WASHBURN, David L. "The Chronology of Judges: another look". *In: BIBLIOTHECA SACRA*, v. 147, no. 588, p. 414-425, October-December, 1990.

YADIN, Yigael. "The fifth season of excavations at Hazor". *In: BIBLICAL ARCHAEOLOGIST*, v. XXXII, no. 3, p. 50-71, 1969.

YEE, Gale A. "By the hand of a woman: the metaphor of the woman warrior in Judges 4". *In: SEMEIA*, no. 61, p. 99-132, 1993.

ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

APÊNDICE 1

Região Norte da Palestina e Áreas Ocupadas pelos Israelitas¹⁶⁰



¹⁶⁰ Extraído de RIDLING, Zaine. Bible Atlas. [s.l.]: Acces Foundation, [s.d.]. Mapa 41 a.

APÊNDICE 2

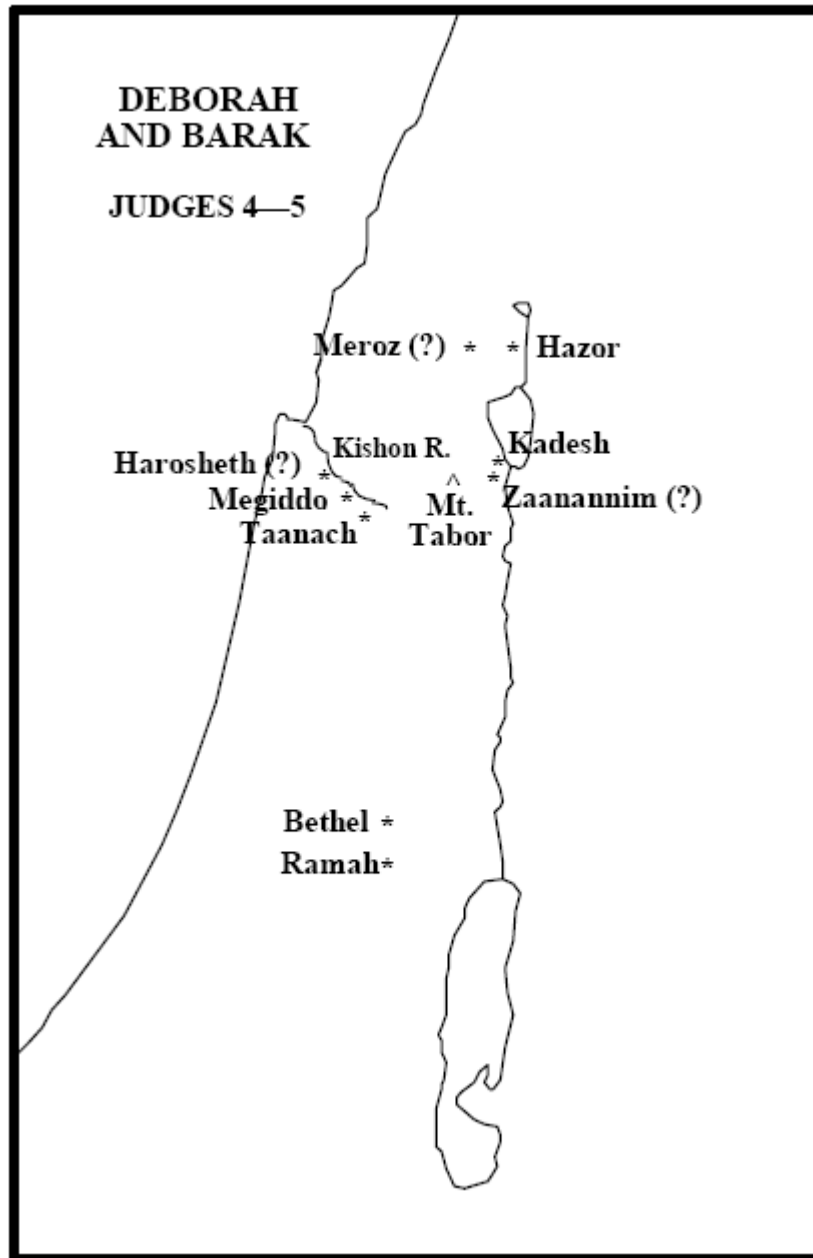
Localidades lideradas por Juízes¹⁶¹



¹⁶¹ Extraído de RIDLING, Zaine. Bible Atlas. [s.l.]: Acces Foundation, [s.d.]. Mapa 41.

APÊNDICE 3

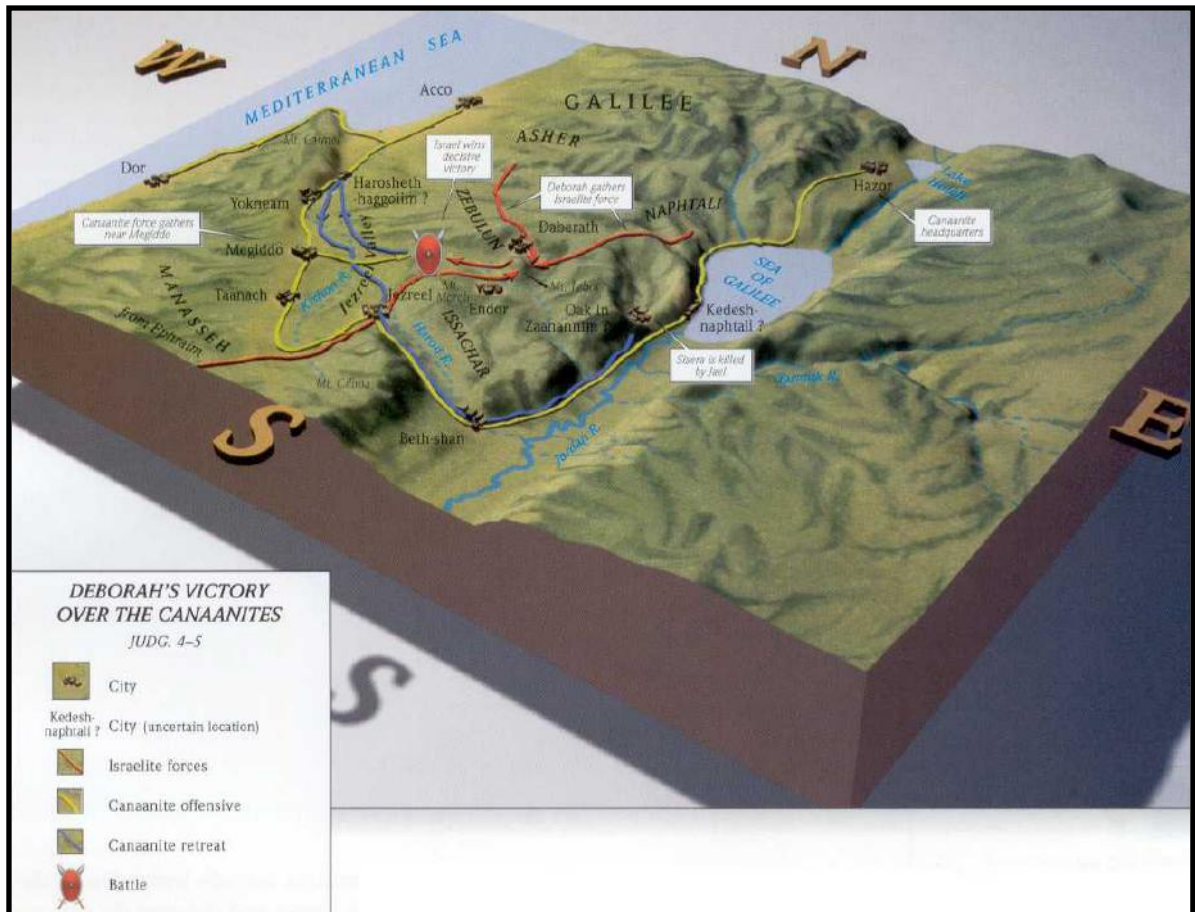
Mapa do Relato de Juízes 4 e 5¹⁶²



¹⁶² Extraído de CONSTABLE, Thomas L. *Notes on Judges*. [s.l.]: 2005. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Junho de 2008. p. 27.

APÊNDICE 4

A Batalha contra Sísera¹⁶³



*Tiago Abdalla T. Neto**

Pastor da igreja Batista Nova Esperança e professor de teologia do Seminário Batista de Guarulhos. Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV) Mestre em Teologia Bíblica pelo Seminário Teológico Servo de Cristo e Mestrando em Teologia e Exposição do AT pelo SBPV

¹⁶³ Extraído de RIDLING, Zaine. Bible Atlas. [s.l.]: Acces Foundation, [s.d.]. Mapa 43.